

PAULO FREIRE & JACQUES LACAN: LIBERDADE, LINGUAGEM E SABER

Paulo Arthur Buchvitz¹

RESUMO

A pedagogia de Paulo Freire é totalmente pessoal, provém da sua vivência e conhecimento da realidade, desenvolvidos entre os homens oprimidos e explorados. Para Freire, o conhecimento vem da práxis, que é ação e reflexão, da realidade conjuntural, objetivando libertar o homem oprimido. A educação é construção do sujeito, pelo diálogo, que anuncia e denuncia as práticas opressoras da classe dominadora. Para Lacan, a palavra precisa ser passada ao aluno, para resgatar sua linguagem e fala, desencadeando os processos de constituição do sujeito, para construir, pelos significantes, que é a interpretação própria do conhecimento, o saber de maneira singular. A palavra expressa os significantes de cada sujeito de maneira singular, gerando no aluno o seu próprio idioleto (linguagem) para construção de sua aprendizagem, isto é, o modo próprio de dizer o seu aprender. Pela linguagem e fala extrai-se o conteúdo dos discursos dos alunos, mostrando que a palavra possui algo além do conceitual e do sentido. Ela constrói e reconstrói a vida, gerando um significante novo na realidade interior do educando.

Palavras chave: Paulo Freire, Lacan, linguagem, liberdade, saber e palavra.

ABSTRACT

The pedagogy of Paulo Freire is totally personal, comes from his experience and knowledge of reality, developed among men oppressed and exploited. For Freire, the knowledge comes from praxis, that is action and reflection of economic reality, aiming to liberate the oppressed man. Education is the construction of the subject, through dialogue, that announces and denounces the oppressive practices of the dominant class. For Lacan, the word needs to be passed to the student, to rescue his language and speech, triggering the process of constitution of the subject, to build, by significant, which is the interpretation of the knowledge, the knowledge of singular way. The word expresses the signifiers of each subject of singular way, generating in the student his/her own idiolect (language) for the construction of their learning, that is, the proper way to say your learn. By language and speech extracts the content of the speeches of the students, showing that the word has something beyond conceptual and direction. She constructs and reconstructs the life, generating a significant new in inner reality of student.

Keywords: Paulo Freire, Lacan, language, freedom, know and word.

¹ Graduado em Psicologia pela UMESP; Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP; Doutor em Educação pela USP; Pós-Doutor em Psicologia Social pela UERJ; Coordenador do Curso de Psicologia do ISECENSA – Campos dos Goytacazes – RJ.

INTRODUÇÃO

O trabalho de Freire ultrapassa os limites da Pedagogia, situando-se nos campos da Economia, da Política e das Ciências Sociais. Influenciado pelo marxismo, propõe uma mudança estrutural na sociedade por uma política pedagógica, estabelecendo a relação entre conhecimento e comunicação, pela qual a sociedade oprimida liberta-se das ideologias elitizadas e dominantes. Sua grande preocupação é: *Uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política* (FREIRE, 1989:12).

Paulo Freire mostra o papel político da educação para construir uma nova sociedade, não conduzida pelas elites, mas pela classe popular, que seria a única capaz de operar a mudança.

1- Disciplinaçã

Para Paulo Freire, a educação bancária (burguesa) tem os mecanismos opressivos do capitalismo: *Cuja essência é a disciplinaçã. É pela discussã da constituiçã histãrica da consciãncia dominada e sua relaçã dialãtica com a consciãncia dominadora* (FREIRE, 1999:28).

Nesta concepçã predominam as relações narradoras e dissertadoras do professor para o aluno, em que a educaçã pode tornar-se um ato de depositar (como nos bancos) o conhecimento na mente dos alunos, levando a crer que o saber é uma doaçã dos que se julgam sãbios aos que nada sabem.

A educaçã bancária objetiva preservar a dicotomia entre os que sabem e os que nã sabem, entre oprimidos e opressores, negando a palavra (diãlogo) que é a mediatizadora da libertaçã da classe popular.

Sendo assim, o educador pensa e os educandos são pensados; o educador diz a palavra e os educandos escutam; o educador opta e prescreve sua opçã e os educandos a seguem; o educador escolhe o conteúdo programãtico e os educandos o aceitam; o educador é autoridade que se opõe à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (FREIRE, 1999:59).

Paulo Freire rejeita a educação bancária, porque o educador é o agente de todo o processo educativo, os educandos são os ignorantes e por tal processo educativo jamais haverá a libertação: *Na concepção bancária, permita-se-nos a repetição insistente, o educador vai "enchendo" os educandos de falso saber, que são os conteúdos impostos* (FREIRE, 1999:71).

Os educandos são meros espectadores do mundo incapazes de pronunciá-lo e de transformá-lo; a educação anestesia, porque lhes inibe o poder criador. Em Freire, o diálogo torna-se verdadeira comunicação, que leva os homens a se simpatizarem, em um encontro amoroso mediatizado pelo mundo: *isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos* (FREIRE, 1980:43).

A educação ocorre na relação de autêntico diálogo entre professor e educandos, que leva à reflexão sobre a realidade e a ação. O professor precisa *saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção* (Idem, 52).

2- Palavra

Paulo Freire propõe a libertação do homem pela palavra, pelo diálogo crítico da fala e da vivência, em uma relação horizontal, oposta ao elitismo: *O que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humanidade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação* (FREIRE, 1989:107).

O aluno começa o processo de mudança, descobrindo-se, criticamente, como construtor da cultura de seu mundo. Na relação dialógico-educacional parte-se sempre da realidade do educando, de seus conhecimentos e experiência, para construir o conhecimento novo, uma cultura vinculada aos seus interesses e não ao das elites.

A palavra do homem o transforma e humaniza, deve ser ação e reflexão, tornando-se práxis e ação prática, é transformadora: *pronunciar a verdadeira palavra é transformar o mundo* (FREIRE, 1980:40).

O educador e o educando juntos devem pronunciar, transformar e humanizar a realidade para a libertação do homem, fomentando a vivacidade, a impaciência, a invenção, a reivindicação, em um processo ativo, dialógico, participante e horizontal.

O homem é um ser de comunicação, necessitando do outro para estabelecer o diálogo, tendo o direito de pronunciar sua palavra. O próprio homem é palavra e, ao moldar as coisas, sua consciência se relaciona com o mundo: *Um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender . Há o perigo de estar na história, ser história sem viver na história, mas na alienação* (FREIRE, 1979:30).

Assim, a forma de alfabetização é o diálogo. Segundo Freire, ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação é um ato coletivo e solidário, de amor, não pode ser imposta, porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas, educandos e educandos e educadores. De lado a lado se ensina, de lado a lado se aprende: *Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa* (FREIRE, 1999:68).

3- Libertação

A educação libertadora, também chamada de problematizadora, não pode ser o ato de depositar, narrar, transferir ou transmitir conhecimentos: *A educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação, da contradição educador educandos. Sem isto, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos. Cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível* (FREIRE, 1999:68).

Educação é prática da liberdade. Freire questiona os métodos de alfabetização puramente mecânicos, propondo a alfabetização como ato de criação, capaz de gerar outros atos criadores, na qual o indivíduo é sujeito, não objeto: *Uma metodologia que fosse um instrumento do educando, e não somente do educador, e que identificasse o conteúdo da aprendizagem com o processo de aprender* (FREIRE, 1980:41).

A conscientização da práxis deve ocorrer pelo diálogo, para torná-la verdadeira libertação, que é, no caso, a ação e a reflexão para a transformação da realidade opressora, assim, eles serão seres utópicos, denunciadores e anunciadores da nova realidade, a realidade mais humana no mundo de homens também mais humanos. *É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica e de reflexão, que comprometa a ação* (FREIRE, 1980: 40).

O meio de libertação para a educação é o diálogo, pelo qual pode haver a superação da dicotomia entre educador e educandos proposta pela educação problematizadora. Os mestres são levados a uma proximidade maior do aluno, induzindo-me a ponderar que o professor constrói o saber com o aluno leva-o a repensar o conhecimento.

A libertação só será realidade, quando os homens forem capazes do diálogo, não um diálogo superficial, mas responsável, que leva ao pensamento crítico para a superação. A dialogicidade leva à humanização, pela qual os homens, paulatinamente, criarão a nova realidade, sem oprimidos nem opressores, mas no caminho da libertação. Essa é a pedagogia da libertação.

4- Linguagem

O discurso pedagógico proposto por Paulo Freire, ainda que denuncie a palavra inautêntica, circunscreve-se ao social, podendo tornar a palavra um discurso vazio, não libertador. Por isso mesmo, a palavra deveria sempre remeter, segundo Lacan, ao diálogo e à relação, que ata o sujeito e a linguagem, o significado e o significante. Em caso contrário, evidencia-se a *apalavra*, que designa um outro tipo de palavra que pode remeter ao monólogo, ao gozo e ao verbalismo.

Segundo Mrech (1999), Lacan teria feito uma transição da língua a *alíngua*, da palavra à *apalavra*. Da palavra como diálogo, *apalavra* como monólogo, fixado e mantido pelo gozo. A base da pulsão é o gozo, a *apalavra* onde o sujeito goza pela palavra vazia. No Brasil, o blá-blá-blá pode ser remetido à fofoca, ao ficar falando mal do outro, e, ao mesmo tempo, ficar sem fazer nada para transformar a sua vida. É da ordem da pulsão um falar, falar, falar; mas não fazer nada para mudar.

Para além da linguagem direta entre os sujeitos, é preciso levar o aluno a uma transferência trabalho, e esta é criada pela linguagem e fala, ou seja, não tomar o que foi dito como tendo um único sentido ou significação.

É entender a linguagem e a fala como processos em constante movimento, não transformá-los numa língua morta, já previamente identificada pelo professor, a partir da sua própria cadeia de símbolos e imagens, dando a importância da apreensão da linguagem e da fala como processos vivificadores.

5- Inconsciente

A pedagogia da libertação tem o escopo de libertar o homem cultural e coletivamente das opressões impostas pela sociedade dominante, mas para que isso aconteça é preciso também se levar em consideração o sujeito inconsciente de cada aluno, que fala para além do ego e de toda intersubjetividade.

Para Lacan, o sujeito passa além dessa vidraça (ego) onde sempre se vê, amalgamada, sua própria imagem, tendo a impressão de que há passagem para uma espécie de a-lógica. O conhecimento humano e as relações do consciente são construídos por um certo vínculo com a estrutura do eu, em torno da qual centra-se a relação imaginária.

A relação de linguagem, que está além desse eu, *ensinou-nos que o ego nunca é apenas o sujeito, que ele é essencialmente relação ao outro, que ele toma seu ponto de partida e de apoio no outro. É a partir deste ego que todos os objetos são olhados, neste para além da relação imaginária onde o outro está ausente e onde aparentemente toda intersubjetividade se dissolve* (LACAN, 1995:224).

Com isso compreende-se, a partir de Lacan, que o inconsciente do sujeito é estruturado como uma linguagem, que esclarece por se colocar como aparelho de gozo, passando o aluno a gozar na linguagem e na palavra formas de aprender. Não se concebe a palavra e a linguagem como uma inserção apenas cognitiva, revelando que o sujeito quer gozar, o sujeito goza com a linguagem e a palavra, não determinado por conceitos ou teorias. Assim, para resgatar o aluno é preciso procurá-lo em outro lugar, isto é, na sua própria fala, ação e linguagem.

6- Saber

Segundo Mrech (1999), o professor precisa sair do plano das certezas pedagógicas para possibilitar a construção do saber, pois uma palavra é sempre uma variável a ser investigada, não uma resposta prevista nos códigos sociais de comunicação.

Há uma série de processos de que o educador não consegue dar conta, desconhece os mal-entendidos da linguagem e palavra. Estas não têm um único sentido ou emprego, mas um sentido a mais, de muitas funções. Porque, atrás de um discurso, existe o que quer dizer e atrás do dizer, há outros dizeres, nunca se esgotando.

A linguagem não pára nem a educação. Ambas estão sempre se estruturando de uma forma nova que não se consegue acompanhar, devido aos conceitos e imagens previamente estabelecidos pela pedagogia. O professor pára o processo, mantendo-se no que já sabe, tentando moldar a aprendizagem à sua imagem e semelhança.

Os professores costumam desqualificar a fala e reduzi-la a processos concretos, não permitindo que se perceba que o professor e o aluno são efeitos do discurso pedagógico estabelecido na e pela linguagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, um homem deixa o convívio familiar para viver numa canoa que flutuava rio afora, vindo às margens somente para pegar o alimento colocado pelo filho. Assim, ao se colocar a palavra em circulação em sala de aula, ou seja, ao se passar à palavra para o aluno, ele cria e recria os seus dizeres, instituindo-se um aluno que seja capaz de construir a sua história de vida.

REFERÊNCIAS

- BUCHVITZ, Paulo Arthur. *Pedagogia da Libertação de Paulo Freire*. São Paulo: Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTBSP, 1985. (Monografia)
- _____. *Sublimação da Sexualidade Infantil*. São Paulo: Escuta, 1998. (Série Psicanálise de Criança)
- _____. *Uma Leitura da Educação a partir da Psicanálise de Orientação Lacaniana*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado)
- _____. *Inteligência Sexual: Sublimação da Sexualidade Infantil na Aprendizagem*. São Paulo: Ágape, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- _____. *Extensão ou Comunicação?* 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- _____. *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. *A Importância do Ato de Ler*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- _____. *Educação como Prática da Liberdade*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- _____. *Pedagogia da Autonomia*. 11ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 27ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- LACAN, Jacques. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo* (1938). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *O Estágio do Espelho como Formador da Função do Eu* (1949). IN: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário Livro 8. A Transferência* (1960 - 1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- _____. *O Seminário: Livro 11. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. O Seminário: Livro 20. *Mais, Ainda* (1972 - 1973). 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MRECH, Leny Magalhães. *Psicanálise e Educação: Novos Operadores de Leitura*. São Paulo: Pioneira, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. 40ª Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.